

O SILENCIAMENTO FEMININO EM CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE DE A HORA DA ESTRELA E PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Nayara Kelly Lima de Meneses¹
Iohana Soares Albuquerque²
Ananda Theresa de Oliveira Morais³
Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues⁴
Nayara Araújo Duarte Leitão⁵

INTRODUÇÃO

Imersos em uma sociedade marcada pela luta social e política de direitos por questões de gênero, é clarividente que a chegada de novas inquietações no cenário político, social e cultural são consequências da pós-modernidade que perpassam a história e o tempo.

Tais questões são materializadas através da literatura na personificação de mulheres que ocupam lugares diversos e sofrem estigmatização. Nessa perspectiva, com o objetivo de investigar a figura da mulher no que diz respeito ao silenciamento, foram selecionadas duas obras para estudo, a saber: “A Hora da Estrela” e “Perto do Coração Selvagem”, ambas da autora Clarice Lispector. De modo específico, buscamos identificar os contextos e/ou situações em que a figura feminina é silenciada nas obras. Essas foram escolhidas pela relevância da figura feminina para nossa reflexão e discussão.

Nessa acepção, entender o processo de apagamento social sofrido pelas mulheres ao longo dos séculos é uma forma de compreender como o silenciamento transcorre a vida das protagonistas nas obras “A Hora da Estrela” e “Perto do Coração Selvagem”.

A fim de fundamentar teoricamente nossas análises, lançamos mão de diversos conceitos como diferença, representação, alteridade e estereótipos que se relacionam diretamente aos objetivos da pesquisa.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

¹ Estudante do Curso de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB, nayara.meneses@academico.ifpb.edu.br;

² Estudante do Curso de Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB, iohana.albuquerque@academico.ifpb.edu.br;

³ Técnica do curso de Eletromecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB, ananda.morais@academico.ifpb.edu.br;

⁴ Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Roraima-UFRR, Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB, jacinta.rodrigues@ifpb.edu.br;

⁵ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, nayara.leitao@ifpb.edu.br.

O trabalho é fruto de um Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC – EM/ CNPq – Edital nº23/ 2022).

O presente artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Stella R. Taquette e Luciana Borges (2021, p. 24), “[...]as abordagens qualitativas já superaram a concepção de mero "achismo", pautadas por um conjunto de expressões e significados, têm a potencialidade de produzir evidências a partir das inferências do pesquisador/investigador". Assim, a pesquisa ora apresentada aprofunda, por meio de uma revisão bibliográfica (Cf. Marconi e Lakatos, 2006), o olhar para as histórias e vivências das personagens femininas nas obras “A Hora da Estrela” e “Perto do Coração Selvagem” de Clarice Lispector, sendo essas o *corpus* de análise deste trabalho.

Por fim, os registros foram analisados tomando como base a Técnica de triangulação que, de acordo com Triviños (2010, p. 138), “[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”, dessa maneira, o cruzamento dos dados foi realizado por meio da elaboração de quadros/categorias. Sendo assim, a partir da análise e interpretação das personagens principais, é que pretendemos estabelecer semelhanças e diferenças entre elas verificando os contextos e/ou situações em que a figura feminina é silenciada nas obras, possibilitando, dessa maneira, uma reflexão acerca do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

No que diz respeito à construção dos estereótipos, Chisholm (2018, p. 74). menciona: “A imposição de estereótipos emocionais, sexuais e psicológicos nas mulheres começa quando o médico diz ‘É uma menina’.”, destarte, é notório que o silenciamento feminino está ligado aos costumes retrógrados e aos estereótipos da sociedade, estes refletem as nuances de embates que galgaram comportamentos e ações, olvidando assim, a figura feminina durante muito tempo.

O processo que permeia até a atualidade se baseia em romper décadas de silêncio, sobre ter seus direitos estabelecidos. Diante desta perspectiva, Betty Friedan reitera: “As primeiras (feministas) haviam destruído a antiga imagem da mulher, mas não conseguiram apagar a hostilidade, os preconceitos, a discriminação. E não podiam traçar uma nova imagem quando cresciam sob condições que não mais as tornavam inferiores ao homem, dependentes, passivas, incapazes de raciocínio ou decisão” (FRIEDAN, 1971, p. 88-89). Nesse sentido, percebemos que os fatores sociais e culturais atuam como mola propulsora para a naturalização desses estereótipos, uma vez que o próprio sistema patriarcal, por exemplo, mantinha os modelos e os papéis da mulher, na maioria das vezes, condicionados ao lar e ao casamento, havendo uma segregação de valores e tarefas cotidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O silenciamento feminino é uma tentativa de controle social, identificada desde o início da sociedade. Nos textos literários alvos de nossa análise, temos Macabéa e Joana, mulheres totalmente distintas, que foram sujeitas a diversas situações de silenciamento. Segundo Wolf

(2020, p. 32), “O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência”. Sendo assim, incentivando a competição feminina, para que as mulheres fossem divididas entre as jovens belas e as mais velhas e experientes, podemos notar como as personagens femininas das narrativas literárias “A hora da Estrela” e “Perto do Coração Selvagem” são submissas e julgadas por homens ao seu redor, sendo expostas a fragilidade emocional, tanto no quesito da aparência quanto da personalidade, reforçando a ideia do papel da mulher ser apenas se tornar esposa, mãe ou amante.

Inicialmente nos deparamos com a realidade muda e surda da personagem Macabéa, uma menina-moça pouco compreendida, que ao conhecer Olímpico de Jesus acreditou ter encontrado um semelhante, rapaz nordestino, o qual lhe dirigiu o mínimo de atenção. Nesse relacionamento, fica claro para o leitor o quanto Macabéa era subjugada pelo seu companheiro, sempre sendo calada e criticada. Nessa perspectiva, merece destaque o seguinte trecho: “– Você até parece uma muda cantando. Voz de cana rachada.” (LISPECTOR, 1998, p. 56), isso ainda se reafirma em “– Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que serve saber demais? O Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais.”. Dessa forma, fica evidente que Olímpico nunca escutou as dúvidas e questionamentos de Macabéa e tentava sempre se opor com um pensamento que julgava ser superior ao dela.

Olímpico era, como o narrador se refere ao personagem, o diabo premiado, abençoado com o precioso sêmen, enquanto Macabéa tinha apenas ovários murchos. Seu relacionamento era fadado ao fracasso pelo jeito inoportuno e desprovido de qualquer honra na maneira como ele a tratava e por visualizá-la como um produto facilmente descartável, sem importância alguma, comportamento confirmado pelas duras críticas tecidas sobre a protagonista. Olímpico, na verdade, demonstra estar acomodado com a presença da nordestina, mas que, para ele, ela seria um “parafuso facilmente dispensável”, da qual não sentiria falta, como podemos ver no trecho: “Ela uma vez pediu a Olímpico que lhe telefonasse. Ele disse: – Telefonar para ouvir as tuas bobagens?” (LISPECTOR, 1998, p. 52).

No âmbito do trabalho, Macabéa se depara com um cenário mísero pelo seu emprego como datilógrafa. A nordestina com seu jeito simples de falar, não era uma excelente profissional, pois não foi alfabetizada corretamente e, devido a isso, era subordinada a um chefe que explorava o máximo em sua carga horária e que se aproveitava da inocência e da falta de oportunidade da moça. Podemos observar a relação da nordestina com o seu patrão na seguinte narrativa: “Com brutalidade seu chefe disse que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, sujar invariavelmente o papel.” (LISPECTOR, 1998, p. 32-33). Para Aruzza *et. al.* “Sociedades capitalistas também são, por definição, a origem da opressão de gênero” (ARRUZZA *et al.*, 2019, p. 51), isso explica a forma como Macabéa era desvalorizada por ser mulher no seu trabalho como datilógrafa, e também pela forma como a sociedade se portava em relação à figura feminina na esfera trabalhista.

Ainda na esfera profissional, a personagem principal mal tinha o que comer, era silenciada e comparada a sua colega de trabalho, Glória. Esta, filha de açougueiro, chamava sempre a atenção da datilógrafa que a achava desajeitada demais. Além disso, observamos

que havia comparações feitas pelo seu patrão, entretanto, ficava claro a sua preferência por Glória. Nesse sentido, vale refletirmos sobre o que Naomi Wolf afirma: “A cultura machista parece se sentir melhor ao imaginar duas mulheres juntas se elas puderem ser definidas como um fracasso e um sucesso de acordo com o mito da beleza” (WOLF, 1972, p. 78), dessa maneira, Glória recebia toda a credibilidade pelo fato de ser considerada bonita, “ter mais carne”, enquanto que Macabéa nunca teve a oportunidade de aprender, sendo criticada constantemente.

Um grande propulsor do processo de apagamento da protagonista foram os relacionamentos masculinos que durante sua vida a protagonista teve contato, sucedendo em complexos e catalisadores essenciais do silenciamento que a jovem foi alvo. Seu primeiro contato masculino foi com o seu pai, homem que Joana esperava que lhe dirigisse atenção e amor, entretanto seu progenitor nunca lhe direcionou o cuidado necessário.

Além disso, na vida da protagonista, adentram Otávio e o amante de Joana, dois homens que acabaram por ter forte influência na vida da mulher. Otávio foi o homem com quem Joana se casou e constantemente se mostrava assustado diante da inquietude e do nível de intelecto da protagonista. Ele se sentia muitas das vezes inferiorizado e, como resposta diante de suas próprias inseguranças, acabava por silenciar sua esposa e tecia críticas à personalidade e à aparência da mulher, que não atendia ao padrão da época. Nessa perspectiva, Michelle Perrot afirma: “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio fazem parte das coisas” (PERROT, M. 2019).

Na obra analisada, é evidenciado que Joana vivia em um relacionamento abusivo e muito conturbado. Assim, percebemos que antes mesmo de se casar, a protagonista sentia que estava perdendo um pouco de sua essência, ficando explícito seu ponto de vista no referente trecho: “Porque de algum modo parecia-lhe estar traindo toda a sua vida passada com o casamento.” (LISPECTOR, 1944, p. 56). Para a protagonista, seu matrimônio parecia ser uma traição a sua antiga vida, a sua tão sonhada liberdade, seus questionamentos e buscas.

Em outro período da sua vida, Joana se depara com a amante de seu marido, Lídia, mulher esta que estava sempre a se pôr como superior e ressaltar todas as suas próprias qualidades, as quais Joana não tinha. Dando destaque, principalmente, ao fato de que a protagonista não estava dentro do padrão da época, sendo considerada feia. No trecho a seguir, verificamos como Joana se sentia inferiorizada diante de Lídia: “Esses seus olhos castanhos, enormes e tranquilos, talvez nada tenham a dar, mas recebem tanto que ninguém poderia resistir, muito menos Otávio. Sou um bicho de plumas. Lídia de pelos, Otávio se perde entre nós, indefeso.” (LISPECTOR, 1944, p. 80).

Ambas as protagonistas têm suas individualidades, ainda assim, contraditórias ao “ideal” do que a sociedade esperava, como explica Wolf (2020), a cultura estereotipa as mulheres para que se adequem à concepção de que feminilidade é uma beleza-sem-inteligência. Trazendo esse conceito para as obras em análise, verificamos que Macabéa era muito julgada por sua aparência e personalidade não tão desenvolvida. Enquanto Joana era criativa demais e não sabia expressar seus pensamentos, já que se sentia

incompreendida e sozinha. Apesar disso, Macabéa e Joana personificam figuras femininas que deveriam ser vistas como sábias e merecedoras de admiração e respeito pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, identificou-se os contextos e/ou situações em que a figura feminina é silenciada nas narrativas, dessa maneira, podemos destacar: o convívio familiar, os relacionamentos, a esfera do trabalho, o contato com outras figuras femininas, essas categorias atuaram como mola propulsora para o entendimento da vida das personagens, refletidas no âmbito da sociedade moderna e dos desdobramentos presentes na vida das mulheres que lutam para serem vistas e terem o seu próprio lugar.

Portanto, o presente trabalho, a partir das vivências das personagens no texto literário, e da análise dos fatores históricos, políticos e culturais, contribuiu para o entendimento dos processos as quais as figuras femininas cotidianamente eram oprimidas diante da sociedade, reverberando fora da ficção e na modernidade.

As protagonistas das obras analisadas são a personificação de mulheres fortes, retraídas e silenciadas ao longo de sua vida. Assim, a análise das obras apresenta diferentes contextos dos processos de silenciamento que são difundidos não só na ficção mas também na realidade. Portanto, foram ressaltadas aqui as dificuldades que a figura feminina passa diante de uma sociedade exposta ao patriarcado e suscetível ao machismo. Nessa conjuntura, o processo de silenciamento sofrido pelas protagonistas, assim como, os preconceitos, críticas e desigualdades, sofridas pelas protagonistas, não tangem apenas o âmbito ficcional, como também a atualidade, mas deve-se destacar em especial todas as lutas das mulheres por igualdade e liberdade.

Palavras-chave: Literatura; Silenciamento, Macabéa, Joana, Figura Feminina.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. [s.l.] Boitempo Editorial, 2019.

CHISHOLM, Shirley. Shirley Chisholm Nascida: Shirley Anita St. Hill Chisholm (1924-2005). In: BARCELLA, L.; LOPES, F. **Lute como uma garota**. Cultrix: 2018. p. 71-74.

FREITAS, D. B. A. P. **Escola Makuxi**: identidades em construção. 2003. 234p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FRIEDAN, B. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M. C de S.; DESLANDES, S. F. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 79 - 108.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1944.

MARCONI & LAKATOS, **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo; Atlas, 2003.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

TAQUETTE, Stella R.; BORGES, Luciana. **Pesquisa qualitativa para todos**. Editora Vozes, 2021.

1

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: à pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2010.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 9 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.